

# EDUCAÇÃO NOS TEMPO ATUAIS: DESAFIO E CAMINHOS PARA UM ENSINO TRANSFORMADOR

Marina Cunha Ferreira Gaioto <sup>1</sup>  
Livia Maria Euzébio da Silva <sup>2</sup>  
Bianca Rodrigues Cardoso <sup>3</sup>

## RESUMO

O trabalho analisa a trajetória histórica da educação brasileira, destacando seus desafios estruturais, sociais e políticos. Saviani (2013) aponta que o direito à educação básica no Brasil tem sido reiteradamente proclamado, mas raramente garantido, reforçando a ideia de que a desigualdade social perpetua disparidades educacionais. Brum (2014), por sua vez, enfatiza os preceitos constitucionais que garantem a qualidade do ensino, demonstrando a discrepância entre a legislação e a realidade educacional. O estudo baseia-se em uma análise qualitativa e documental, investigando políticas educacionais, reformas e o impacto da tecnologia na aprendizagem. Entre os principais desafios identificados, destacam-se a desigualdade de acesso, a precariedade da infraestrutura escolar e a falta de valorização e formação adequada dos professores. Além disso, a pandemia de COVID-19 agravou essas dificuldades, evidenciando a exclusão digital e a necessidade de adaptação a novas modalidades de ensino. O estudo também discute as políticas públicas e suas limitações, evidenciando a descentralização do ensino como um fator que amplifica as desigualdades regionais (Saviani, 2013). Por outro lado, as inovações tecnológicas, se bem aplicadas, podem contribuir para uma educação mais inclusiva e dinâmica. Como resultado, conclui-se que, apesar dos avanços legislativos, a educação brasileira ainda enfrenta entraves significativos que comprometem sua qualidade e equidade. Um Sistema Nacional de Educação bem estruturado, com investimentos contínuos em infraestrutura e na formação docente, é essencial para garantir que a educação no Brasil cumpra seu papel transformador na sociedade.

**Palavras-chave:** Educação no Brasil, desigualdade educacional, políticas públicas, formação docente, tecnologia na educação.

## INTRODUÇÃO

A trajetória da educação no Brasil é, inegavelmente, um espelho complexo das suas crises sociais, econômicas e políticas. Analisar sua evolução é crucial para entender

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, [marina.pvai.mf@gmail.com](mailto:marina.pvai.mf@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Santo Antônio da Platina - PR (FANORPI), [marialivia515@gmail.com](mailto:marialivia515@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Santo Antônio da Platina - PR (FANORPI), [bi\\_ancasap@hotmail.com](mailto:bi_ancasap@hotmail.com);



o panorama de hoje, que ainda luta contra resquícios históricos de exclusão. Desde tempos imemoriais, o acesso ao saber serviu frequentemente como ferramenta de controle social, uma prerrogativa restrita a classes privilegiadas, mantendo a vasta maioria da população à margem do conhecimento formal.

Com o passar do tempo, observamos mudanças importantes que buscaram universalizar o acesso e elevar a qualidade da educação. No entanto, essa jornada está longe de ser tranquila. Grandes barreiras educacionais persistem, manifestando-se de forma mais aguda em áreas de maior vulnerabilidade social. É um ciclo que precisa ser rompido.

Na atualidade, em meio a transformações sociais, econômicas e tecnológicas aceleradas, a educação assume um papel ainda mais vital. Ela precisa se difundir para formar cidadãos não apenas competentes, mas, sobretudo, indivíduos mais críticos, capazes de impulsionar o progresso em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Refletir sobre as evoluções e, principalmente, sobre as dificuldades e desafios encarados pelo sistema educacional brasileiro é fundamental. Afinal, a construção do futuro do país passa, inevitavelmente, pela sala de aula. É por meio da educação que se permite a inclusão social, se diminui a desigualdade e se prepara a juventude para os complexos obstáculos do século XXI.

## **A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

A história da educação no Brasil é marcada por uma série de desafios e transformações que refletem as complexas dinâmicas sociais, políticas e econômicas do país. Ao longo do tempo, especialmente desde o período colonial, a educação serviu muitas vezes como uma ferramenta de dominação e de formação de uma classe dirigente, mantendo o conhecimento restrito a um pequeno grupo. Consequentemente, a maioria da população era deliberadamente excluída do acesso ao saber e do desenvolvimento educacional.

Temos feito muitas reformas na educação ao longo do tempo para aumentar o acesso e melhorar o ensino, mas a realidade de hoje ainda é marcada por uma enorme desigualdade. Isso aparece em todas as etapas e em todas as regiões do país. É na educação básica que os problemas ficam mais visíveis: faltam o básico nas escolas, há



poucos recursos e os professores nem sempre têm a formação necessária. Claro que tudo isso prejudica diretamente o aprendizado dos jovens. Dar atenção especial aos professores é fundamental, ainda mais com as mudanças sociais e tecnológicas aceleradas de hoje.

A educação é o caminho principal para termos uma sociedade mais justa, pois ela forma pessoas autônomas e conscientes de seus direitos e deveres. Além disso, a educação é essencial para criar igualdade social e diminuir as diferenças. Em um Brasil com instabilidade no governo e na economia, é urgente pensar e discutir as práticas e as políticas públicas educacionais. A educação tem um papel central na criação de um futuro com mais oportunidades e justiça para todos, e precisamos ter a coragem de inovar na forma de ensinar para resolver os problemas e garantir um ensino de qualidade que prepare a todos para os desafios deste século.

A desigualdade enraizada no Brasil é o maior obstáculo para uma boa educação. As diferenças econômicas e sociais criam um sistema educacional dividido, onde as oportunidades de aprendizado são muito diferentes entre regiões e classes. Alunos da cidade e do campo enfrentam problemas distintos, e muitos estudantes de comunidades mais pobres não têm acesso a itens básicos como livros, tecnologia ou prédios decentes para estudar. Essa situação mantém um ciclo de exclusão, no qual os jovens de famílias de baixa renda têm menos chances de terminar a educação básica, de acessar o ensino superior, como afirma Saviani (2013) “O direito à educação segue sendo proclamado, mas o dever de garantir esse direito continua sendo protelado”.

A qualidade do ensino no Brasil é frequentemente comprometida pela falta de formação apropriada dos professores. Vários profissionais da educação se deparam com dificuldades de qualificação, já que os programas de formação básica nem sempre acompanham as atuais exigências do setor. Do mesmo modo, o reconhecimento profissional e as condições de trabalho dos professores são questões de análises que impactam diretamente a excelência do ensino. A escassez de estímulos e apoio ao desenvolvimento profissional constante cria um cenário educacional que dificulta a renovação e o aprimoramento das metodologias de ensino.

A situação das escolas no Brasil tem um peso enorme no aprendizado dos alunos. Muitas instituições de ensino carecem de condições básicas, como salas de aula adequadas, ambiente escolar em bom estado e recursos tecnológicos. Essa falta de



estrutura prejudica o estudo das crianças e adolescentes, desmotiva os professores e dificulta a administração das escolas. A falta de investimentos em infraestrutura educacional contribui para a evasão escolar e para a dificuldade em atrair e reter talentos na educação, criando um ciclo vicioso que arrisca o futuro da educação no país. Isso acaba criando um problema sério que coloca em risco o futuro da educação no país.

Dada essa histórica resistência a investir na educação, o Brasil chegou ao final do século XX sem resolver um problema que os principais países, inclusive nossos vizinhos Argentina, Chile e Uruguai, resolveram na virada do século XIX para o XX: a universalização do ensino fundamental, com a consequente erradicação do analfabetismo. Para enfrentar esse problema, a Constituição de 1988 previu, nas disposições transitórias, que o poder público – nas suas três instâncias (a União, os estados e os municípios) – deveria, pelos dez anos seguintes, destinar 50% do orçamento educacional para essa dupla finalidade. Isso não foi feito. (Saviani, 2013).

Portanto, a educação necessita de um olhar atento de todos, pois somente com uma educação de qualidade podemos promover um ambiente mais justo para todos.

## **ACESSO À EDUCAÇÃO: DESAFIOS E AVANÇOS**

Um dos aspectos fundamentais da justiça educacional é o acesso universal à escola. No Brasil, vimos um aumento considerável no número de alunos matriculados na educação básica nos últimos anos, porém, persistem obstáculos, principalmente para aqueles em situação de maior fragilidade. No entanto, como apontado por Ernica, Rodrigues e Soares, (2025), garantir matrículas não é suficiente; é necessário também assegurar a permanência e a conclusão dos estudos.

Uma vez que o acesso à matrícula no Ensino Fundamental foi universalizado, nos anos 1990, dois objetivos foram assumidos como centrais para as políticas educacionais, visando torná-las mais efetivas na garantia do direito: a ruptura com a pedagogia da repetência e a melhoria da aprendizagem. [...] As políticas implementadas no período expandiram oportunidades educacionais e produziram melhorias em três resultados educacionais que expressam o direito à educação: acesso à matrícula, permanência e aprendizagem. (Ernica, Rodrigues e Soares, 2025).

As disparidades socioeconômicas regionais são, sem dúvida, um dos nós mais apertados no cenário educacional brasileiro. A geografia do país reflete-se drasticamente na qualidade da educação oferecida. Geralmente, regiões mais industrializadas e desenvolvidas, como o Sul e o Sudeste, conseguem sustentar melhores índices educacionais. Isso se deve a uma maior concentração de recursos e infraestrutura estabelecida. Em forte contraste, áreas como o Norte e o Nordeste lidam



diariamente com graves carências. A realidade ali inclui a escassez de escolas de qualidade, uma deficiência crônica no transporte público escolar e a falta de professores com qualificação apropriada para atender à demanda.

A complicação da educação vai além das capitais e centros urbanos. Para as comunidades rurais e indígenas, os problemas são bem mais específicos. A distância é uma barreira constante: casas, fazendas ou aldeias ficam muito longe das escolas. Para piorar, quase sempre faltam materiais didáticos que realmente se encaixem na cultura e na realidade deles. Isso faz com que o aprendizado seja menos interessante e muito mais difícil: “No Brasil, as melhores oportunidades de aprendizagem se traduzem em aumento das desigualdades porque os grupos com mais trunfos se apropriam mais delas, aumentando sua vantagem sobre os demais. Esse padrão, como vimos, vem sendo reforçado ao longo dos anos.” (Ernica, Rodrigues e Soares, 2025).

Incluir pessoas com deficiência nas escolas regulares é um desafio enorme, mesmo com todo o esforço de leis como o Plano Nacional de Educação (PNE). Não basta apenas matricular o aluno. A inclusão de verdade tem que ir além da simples aceitação, garantindo que cada estudante tenha oportunidades reais de aprendizado, recebendo o auxílio necessário e usando métodos de ensino personalizados para as suas necessidades.

## **IMPACTO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO**

A Educação a Distância (EaD) e o ensino híbrido (que mistura presencial e online) se tornaram assuntos muito importantes e de muito debate na educação do Brasil, e por isso precisam de mais pesquisa. Esse crescimento aconteceu por causa da necessidade de flexibilidade e também pelos problemas causados por crises, como a pandemia de COVID-19.

A EaD permite que os alunos superem a distância e o tempo, acessando o conteúdo e interagindo com todos de forma remota. Já o ensino híbrido junta o melhor dos dois mundos, misturando aulas presenciais com atividades online. Quando feito do jeito certo, esse modelo misto é muito bom para criar um aprendizado flexível, pessoal, ativo e que prende mais a atenção. Ele ajuda os estudantes a desenvolverem habilidades



essenciais para os dias de hoje, como a autonomia e a capacidade de se organizar para estudar.

A chegada de mais ferramentas digitais na educação tem feito a gente repensar os métodos tradicionais. Usar plataformas, vídeos e outras tecnologias está cada vez mais comum nas escolas, facilitando a comunicação e a colaboração entre alunos e professores. Essas tecnologias não só deixam o conteúdo mais rico, mas também incentivam a criatividade e a inovação no aprendizado. Além disso, elas ajudam a ajustar o ensino ao ritmo de cada um, tornando a educação mais inclusiva e melhorando o acesso a um ensino de alta qualidade.

Porém, é fundamental lembrar que não é só usar a tecnologia na sala de aula que vai resolver todos os problemas da educação. Aliás, a própria tecnologia, na sociedade que o Saviani chama de "sociedade do conhecimento", também traz desafios grandes para as escolas.

Não é apropriada para caracterizar a época atual. Melhor seria, talvez, falar-se em "sociedade da informação". Isso porque conhecimento implica a capacidade de compreender as conexões entre os fenômenos, captar o significado das coisas, do mundo em que vivemos. E hoje parece que quanto mais informações circulam de forma fragmentada pelos mais diferentes veículos de comunicação, mais difícil se torna o acesso ao conhecimento que nos permitiria compreender o significado da situação em que vivemos. Nesse contexto, a escola se torna ainda mais fundamental, porque a ela cabe justamente fornecer os elementos que permitam àquele que tem acesso à informação discriminar as informações falsas das verdadeiras, o que é consistente do inconsistente, o relevante do irrelevante. (Saviani, 2013)

Em meio a estes tempos tão tecnológicos, devemos estar atentos sobre até qual ponto a tecnologia está nos auxiliando na educação, será que todo esse avanço está nos dando retornos adequados.

## **EDUCAÇÃO E PANDEMIA DE COVID-19**

A irrupção súbita da COVID-19 pegou o sistema educacional brasileiro no contrapé, forçando uma paralisação abrupta das atividades presenciais em todo o país. A suspensão de aulas em escolas e universidades gerou um choque imediato: o progresso de aprendizagem foi interrompido, expondo a fragilidade do nosso sistema para a adoção rápida de novas metodologias.



O cenário educacional brasileiro, intensamente afetado pela crise, revelou e aprofundou uma série de desigualdades. No auge do problema, professores e alunos enfrentaram desafios gigantescos devido à falta de acesso a tecnologias e infraestrutura básica para o estudo remoto. Esse hiato tecnológico piorou drasticamente a desigualdade social, fazendo com que muitos estudantes não conseguissem acompanhar as aulas online, resultando em um aumento preocupante da evasão escolar e da disparidade no aprendizado.

Para tentar mitigar o impacto, as escolas agiram com urgência, tornando o uso de plataformas digitais e ferramentas de EaD uma nova normalidade. Isso exigiu uma mudança completa nos métodos dos professores, que tiveram que se esforçar enormemente para conciliar teoria e prática de forma remota, buscando manter o interesse dos alunos. Foi indispensável e urgente fornecer formação continuada aos docentes, habilitando-os a usar essas tecnologias para criar um aprendizado mais dinâmico e interativo, mesmo sob as severas restrições da pandemia.

Com o retorno gradual ao presencial, a educação brasileira encara novos obstáculos, principalmente a necessidade de acolher e readaptar os alunos, muitos dos quais perderam o ritmo ou foram afetados pelo isolamento. A crise expôs, sem sombra de dúvidas, a fragilidade do sistema, que não estava preparado para a era tecnológica, demandando mudanças urgentes e estruturais. Apesar do avanço digital forçado, a inclusão digital permanece um obstáculo imenso. Milhões de estudantes, sobretudo os de baixa renda e das áreas rurais, ainda lutam com a falta de acesso fácil à internet e a computadores, o que pode aumentar as dificuldades e barrar o aproveitamento dos novos modelos de ensino.

Para avançar, o foco deve estar na capacitação eficaz dos professores para integrarem a tecnologia em suas aulas diárias, superando a dificuldade de aplicação. É crucial que o governo crie e fortaleça políticas públicas que garantam o acesso necessário aos recursos tecnológicos para todos os jovens e ofereçam o suporte e a formação adequados para que os educadores possam utilizá-los plenamente. A superação dessa crise depende intrinsecamente do combate à exclusão digital e do investimento robusto na qualificação docente.

## **POLÍTICAS PÚBLICAS E REFORMAS EDUCACIONAIS**



A história das políticas de educação no Brasil reflete bem como a nossa sociedade, política e economia mudaram. Desde a Constituição de 1988, que transformou a educação em um direito básico, a gente tem tentado aumentar o acesso e melhorar a qualidade do ensino através de várias ações. A criação do Sistema Nacional de Educação, por exemplo, buscou organizar os níveis de ensino e melhorar a gestão. No entanto, colocar essas políticas em prática esbarrou em problemas sérios, como a desigualdade entre as regiões e a falta crônica de dinheiro, o que acabou diminuindo a força das boas ideias.

Nos últimos anos, o setor de educação passou por mudanças importantes para se modernizar. Leis como a LDB de 1996 e o PNE de 2014 guiaram esse processo. O foco tem sido a formação de professores, a ampliação da pré-escola e a adoção de novas regras para os currículos. Mesmo que tenhamos avançado no acesso (tem mais gente na escola!), os resultados dessas reformas são desiguais. Problemas como o abandono escolar e a baixa qualidade do ensino ainda continuam em muitas comunidades.

O futuro da educação brasileira passa, com certeza, pela inovação. O uso cada vez maior de tecnologias digitais, plataformas online e recursos interativos tem um poder real de mudar a forma como a gente ensina e aprende. Além disso, as metodologias ativas, que incentivam o aluno a ser mais autônomo e participativo, estão ganhando espaço, tornando o aprendizado mais real e útil. O ensino híbrido (que mistura presencial e remoto) aparece como um modelo promissor e essencial neste momento pós-pandemia, onde a flexibilidade é a chave.

É crucial entender que a educação é a ferramenta mais forte que temos para formar cidadãos críticos e engajados. Estimular o pensamento crítico é o que permite aos alunos entender, questionar e, por fim, ajudar a construir uma sociedade mais justa. Isso se faz promovendo debates, incluindo temas atuais e reconhecendo que existem muitas visões diferentes. A escola precisa motivar os estudantes a participarem ativamente das questões sociais e políticas, preparando-os para serem agentes de transformação em suas comunidades.

Um foco que não podemos ignorar é a educação inclusiva e diversa. Precisamos garantir que todos os alunos, não importa sua origem, habilidades ou necessidades especiais, tenham acesso a um ensino de alta qualidade. Isso exige métodos de ensino que valorizem e integrem a diversidade cultural, étnica e social. Investir na capacitação



dos professores para lidar com essa diversidade e criar políticas públicas inclusivas são passos fundamentais. Criar um ambiente escolar aberto, acolhedor e respeitoso é o único jeito de garantir que cada aluno atinja seu potencial máximo e contribua para uma sociedade mais justa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de educação no Brasil está passando por um momento de grandes dificuldades, que são um reflexo direto das nossas desigualdades históricas. Esses problemas criam barreiras que impedem um acesso igualitário ao ensino de qualidade, sendo que a falta de acesso atinge principalmente as comunidades mais pobres. A qualificação dos professores e a infraestrutura das escolas são dois pontos cruciais que precisam de atenção urgente.

A pandemia de COVID-19 não só mostrou como a tecnologia é vital na educação, mas também expôs, de forma cruel, as falhas na inclusão digital. Apesar de haver um esforço contínuo em reformas e políticas públicas para resolver essas carências, o Brasil ainda tem muito o que fazer para ter uma educação que seja, de fato, inclusiva e eficaz para todos.

Melhorar a educação não é tarefa para poucas pessoas; é um trabalho que exige o compromisso de toda a sociedade, com foco em inovação e mudanças estruturais. É fundamental adotar novas ideias e conceitos de ensino para formar cidadãos críticos, bem-informados e prontos para lidar com o mundo de hoje. A inclusão e a diversidade devem ser o ponto central de todas as prioridades, garantindo que todo aluno, de qualquer origem, receba oportunidades de aprendizado que façam diferença.

Para que essa transformação aconteça, a colaboração entre o governo e a sociedade civil é essencial. Juntos, podemos vencer as dificuldades e construir um sistema educacional que não só atenda às necessidades atuais, mas também prepare as futuras gerações para um mundo em constante mudança. A parceria entre diferentes setores será a chave para criar um ambiente escolar que promova a igualdade e o respeito à diversidade.

É fundamental que a sociedade entenda que a educação não é um favor, mas sim um direito básico e universal de todas as pessoas, e não pode ser tratada como um



privilégio de poucos. Para que o Brasil consiga, de fato, se desenvolver e reduzir as desigualdades sociais expostas na crise, o caminho essencial é tornar o ensino acessível a todos e, mais do que isso, garantir condições adequadas e de qualidade de aprendizado. Isso inclui desde a infraestrutura básica e tecnológica até o acolhimento psicológico e o preparo dos professores. Só será possível transformar a dura realidade da educação brasileira e abrir um futuro melhor para todos os jovens por meio de um investimento constante, da inovação na forma de ensinar e, sobretudo, de um compromisso político firme que coloque o ensino no centro das prioridades nacionais.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, Danielle. **Two concepts of education**. In: Education and Equality. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2016.
- BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a educação a distância no Brasil**. Educação & Sociedade, v. 23, p. 117-142, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Princípios para uma reflexão sobre os conteúdos do ensino**. Relatório Bourdieu-Gros (1989). In: VALLE, I. R.; SOULIÉ, C. (Org.). Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da educação (pp. 267-280). Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.
- BRUM, Carla. **A qualidade da educação brasileira: realidade e preceitos constitucionais**. Revista Científica Intr@ Ciência, v. 9, 2014.
- ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica Castilho; SOARES, José Francisco. **Desigualdades educacionais no Brasil contemporâneo: definição, medida e resultados**. Dados, v. 68, n. 1, p. 345-374, 2025.
- FERNANDES, Reynaldo. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**. Textos para Discussão, n. 16. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.
- ROEMER, John E. **Equality of Opportunity**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- SAVIANI, Dermeval. **Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual**. Educação & Sociedade, v. 34, p. 743-760, 2013.
- SCHWARTZMAN, Simon; BROCK, Colin. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- KLEIN, Ruben. **Como está a educação no Brasil? O que fazer? Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, p. 139-171, 2006.

